

Financeiras se adaptam para sobreviver

A crise está forçando algumas mudanças no setor financeiro do país. Demissões e até a redefinição de público alvo de alguns bancos passaram a fazer parte do dia-a-dia dos executivos do mercado. Como a Merrill Lynch, que demitiu cinco dos cerca de 150 funcionários no Brasil, o ING Baring, que dispensou dez empregados na área de suporte, e a Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, onde 20 foram afastados de suas funções ontem. Por outro lado, o Lloyds Bank decidiu voltar ao varejo a partir do próximo ano, apostando no público classe B. Até agora o banco só trabalha com grandes clientes.

A explicação para tantas mudanças está nos números. Desde que a crise surgiu na Rússia, em agosto, US\$ 6,5 bilhões deixaram as bolsas brasileiras, ao passo que apenas US\$ 2,7 bilhões entraram, segundo dados da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). Portanto, a saída líquida de dinheiro dos pregões foi de US\$ 3,8 bilhões em dois meses. Só nos dez primeiros dias de outubro, a bolsa paulista registrou a saída de outros R\$ 99,5 milhões em investimentos estrangeiros. Além disso, R\$ 5 bilhões deixaram os fundos de investimento em busca de um lugar mais seguro para ficar.

O impacto nas instituições financeiras só não está sendo mais forte

porque há um ano, quando a crise chegou pela primeira vez ao Brasil, as demissões foram inevitáveis. Os prejuízos com aplicações no mercado futuro, onde o investidor aposta nos preços dos produtos para os meses seguintes, foram pesados, tanto no Brasil, quanto no exterior. Passada a onda mais forte da crise, bancos e corretoras trataram de manter a estrutura enxuta. Contrações só em último caso.

ALTERNATIVAS

Agora, as empresas de contratação de executivos começam a registrar queda na procura por profissionais especializados em mercado financeiro. Na previsão do vice-presidente da Financial Executive Search Associates, Alfredo José Assumpção, os cortes no quadro de funcionários dos bancos de investimento brasileiros devem chegar a 30% até o fim do ano. Os salários também devem encolher, porque as bonificações, uma espécie de prêmio pago aos funcionários de acordo com o desempenho do banco, serão bem menores. "Não há dúvidas de que os bônus, se existirem, serão bem menores neste semestre", admitiu o presidente do Banco Fonte Cindam, Luiz Antônio Gonçalves, em recente entrevista.

O problema é que as instituições

A FUGA

Meses	Saldo* (em US\$ milhões)
Janeiro	365
Fevereiro	623
Março	1.177
Abril	457
Maiο	-320
Junho	-897
Julho	607
Agosto	-2.181
Setembro	-1.735
Total 1998	-1.903

* Diferença entre entradas e saídas

Fonte: CVM

financeiras, encantadas com a procura acentuada dos investidores estrangeiros por aplicações no Brasil, concentraram esforços em desenvolver a área de gestão de recursos de terceiros. Uma boa justificativa está nos US\$ 14,7 bilhões que entraram nas bolsas desde 1991, quando as autoridades facilitaram o ingresso de capital estrangeiro no mercado de ações. Fora o que entrou na aplicação em renda fixa para aproveitar os juros altos. Além disso, muitas empresas brasileiras optaram por tomar empréstimo no exterior, orientadas por bancos.

Agora, com a retração dos inves-

tidores, bancos e corretoras buscam alternativas para sobreviverem no mercado. As áreas preferidas no momento são a de fusões e aquisições de companhias e a montagem de fundos específicos para financiar projetos de expansão de empresas (*private equity*). O mercado de fusões e aquisições tem estado muito ativo por causa das privatizações. Nos primeiros sete meses deste ano, segundo o ministro da Fazenda, Pedro Malan, entraram US\$ 11,1 bilhões para a compra de empresas brasileiras. A expectativa do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, é de que até o fim do ano os investimentos diretos alcancem US\$ 22 bilhões.

Enquanto cresce a procura por empresas, caem os investimentos financeiros, especialmente em ações. A queda foi tão acentuada que as bolsas do Rio e de São Paulo estão tentando um acordo para trabalharem em conjunto, unificando o sistema de computador e reduzindo o custo das operações para as corretoras. A idéia é de que por terminais sejam fechados negócios em qualquer das duas bolsas. "Essa proposta é velha", disse o presidente da Bolsa do Rio, Carlos Reis. "Estamos conversando desde o início do ano, mas ainda não existe nada de concreto." (LV)